

O Integralismo nas páginas do jornal “O Estado de São Paulo” e da revista “O Cruzeiro”

Rogério Lustosa Victor*

A partir de 1945, com a democratização, os integralistas se reinseriram no espaço político, mas tiveram que enfrentar os usos que se faziam do passado. As representações que marcavam o integralismo como fascista, quinta-coluna, golpista, covarde e risível, construídas principalmente durante o Estado Novo, eram novamente expostas no espaço público por meio da grande mídia, dificultando os passos integralistas para a sua reordenação na segunda metade da década de 1940. Neste artigo, avaliaremos a ação política do jornal *O Estado de São Paulo* e da revista *O Cruzeiro*, nos anos de 1945-1947, quanto ao movimento integralista.

Palavras-chave: mídia, política, Integralismo.

From 1945, with democratization, the *integralistas* have re-introduced themselves in the political space. However, they had to face the uses that were made in the past. The representations that marked *Integralismo* as fascist, fifth column, coupist, cowardly and laughable, built mainly during the Estado Novo, were again exposed in public by the mainstream media. These representations made the *Integralis-*

Introdução

O movimento integralista organizou-se na década de 1930 enquanto partido político, mas pouco tempo depois perdeu a possibilidade de atuar na legalidade: a ditadura instalada pelo golpe desfechado por Getúlio Vargas, em novembro de 1937, cancelou os partidos políticos e, entre eles, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Os integralistas então conspiraram contra o Estado Novo e tentaram derrubá-lo no que ficou conhecido como *Putsch* Integralista de maio de 1938. A intentona fracassou e a partir daí, de maneira aberta, o Estado Novo teve o Integralismo como inimigo.

* Mestre em História. Doutorando em História (UFG). rogeriolustosa@yahoo.com.br

tas steps more difficult for their reorganization in the second half of 1940s. In this paper, we evaluate the political action of the media (*O Estado de Sao Paulo* and *O Cruzeiro*), through

the years of 1945-1947, related to the *Integralista* movement.

Keywords: media, politics, *Integralismo*

O Estado Novo foi ator privilegiado no processo de formação da memória social, em especial por via dos jornais de grande circulação, dado que ele, ao estabelecer controle sobre a imprensa, foi capaz de selecionar representações do passado que foram disponibilizadas a grande número de indivíduos, os quais incorporaram essas representações como se fossem suas. Supomos então que, nesse momento do século XX no Brasil, a imprensa de grande circulação atuou enquanto vetor da memória social. Tal reflexão adveio parcialmente da análise desenvolvida por Pierre Nora¹ acerca do efeito da aceleração do tempo no Ocidente, a partir do século XIX, no que concerne à memória: a aceleração do tempo teria desfeito a inconsciente relação entre o povo e seu passado, destruindo as velhas tradições. A relação do povo com o passado passou então a ser reconstruída e, nesse contexto, a linguagem, por meio da imprensa, tornou-se um importante lugar de memória. Em consequência disso, na formação da memória social, como constatou Alexander von Plato² em suas pesquisas, as pessoas recordam também as representações da época, as quais foram transmitidas por diversas mídias.

Assim, a partir da imprensa submetida pela ditadura construiu-se uma narrativa bem elaborada acerca do Integralismo e fixaram-se as ideias-imagens que marcaram as representações mais compartilhadas relativas ao movimento dos camisas-verdes: fascista/nazista, quinta-coluna, totalitário, patético e risível tornaram-se características dos integralistas presentes na memória social.

A partir de 1945, com a democratização, os integralistas, ao se rearticularem visando à reinserção no espaço político tiveram que enfrentar o passado, ou melhor, os usos que dele se faziam. As representações tornadas públicas durante o Estado Novo, desmerecendo o Integralismo, eram retomadas em 1945 e faziam do passado uma ameaça aos integralistas: os seus rivais políticos o expunham como acusação e/ou chacota, dificultando os passos integralistas para a sua reordenação na segunda metade da década de 1940 e mesmo para a luta política nos anos seguintes.

¹ NORA,, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo, n. 10, dez. 1993.

² VON PLATO, Alexander. Mídia e memória: apresentação e ‘uso’ de testemunhos em som e imagem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 3, n. 61, 2011, p. 211-229.

Neste movimento de atualização do veto à memória integralista, cujo intuito último era impedir o retorno dos camisas-verdes ao espaço político, a grande mídia desempenhou papel relevante. Abordaremos neste trabalho a ação do jornal *O Estado de São Paulo* e da revista *O Cruzeiro* diante da rearticulação política dos integralistas no pós-guerra.

O jornal *O Estado de São Paulo* e o ressurgimento do Integralismo

O jornal *O Estado de São Paulo* (OESP)³, noticiou o processo de reorganização do Integralismo no ano de 1945, mas sem maior ênfase: foram 9 as maté-

³O matutino *O Estado de São Paulo* nasceu do posicionamento de alguns participantes da Convenção Republicana de Itu (18/4/1873) de que eles necessitavam de um órgão de imprensa a fim de difundir os ideais republicanos. Américo Brasiliense e Manuel Ferraz de Campos Salles lideraram o esforço para se aglutinarem indivíduos a tal projeto. Quando o jornal que se intitulava inicialmente “A Província de São Paulo” lançou o seu primeiro número, no dia 4 de janeiro de 1875, ele partiu de uma sociedade de 19 cotistas. Em 1885, Júlio Mesquita, com 23 anos, começou a atuar como redator do jornal e, em 1902, ele já era o seu único proprietário. Ao longo de sua história na intitulada República Velha, o OESP destacou-se pelo seu posicionamento liberal: não apoiou a Política dos Governadores (criticando-a por promover o fortalecimento do poder executivo), apoiou a campanha civilista de Rui Barbosa em 1910 e, mais tarde, a sua candidatura em 1919. O jornal foi simpático à sublevação tenentista de 1922. Em 1927, com a morte de Júlio Mesquita, os irmãos Júlio de Mesquita Filho e Francisco de Mesquita assumiram o jornal e o mantiveram na linha liberal do pai. No ano de 1930, o jornal apoiou a Aliança Liberal, a qual lançou Getúlio Vargas contra a candidatura Júlio Prestes. E, no mesmo ano, o jornal chegou à tiragem de 100 mil exemplares, enquanto a população da cidade era de 887.810 mil habitantes. Já em 1932, insatisfeitos com os rumos autoritários da Revolução de 1930, o OESP envolveu-se diretamente com a Revolução Constitucionalista de 1932 e, com sua derrota, Júlio de Mesquita Filho e Francisco Mesquita foram presos e exilados. Com a anistia de 1933, eles retornaram ao Brasil e ao OESP. Porém, durante o Estado Novo, o OESP sofreu intervenção direta do Estado: sob a acusação de que havia armas escondidas em sua redação e de que elas seriam utilizadas contra o governo, a Polícia Militar, em 25 de março de 1940, invadiu-o e fechou-o. O OESP retornou às bancas duas semanas depois, mas já dirigido por Abner Mourão, indicado pelo Conselho Nacional de Imprensa, o qual estava submetido à ditadura. O OESP só voltou à família Mesquita em sete de dezembro de 1945. Assim, praticamente durante todo o ano de 1945, em que acompanhamos as matérias no jornal que retratavam o ressurgimento do Integralismo, ele estava sob forte controle do Estado e sem a presença dos Mesquita. Fonte: <http://www.estadao.com.br>, acessado em 24/11/2011. Ainda consultamos SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1966 e SILVA, Vandrê Aparecido Teotônio da. “Notícias do Rio”: jornal censurado como elemento de produção de saber. In: *Anais do Seta* (revista da Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP), N. 4, Campinas, 2010.

rias ao longo daquele ano cobrindo os movimentos relacionados à reorganização do Integralismo, todas elas no período em que o jornal estava ainda sob a severa intervenção do governo federal (só no dia 7 de dezembro de 1945, saiu edição de OESP sob a direção dos Mesquita). Nesse período, na página 3, em que havia a seção intitulada *A situação política*, nota-se clara orientação pró-PSD e, portanto, pró-candidatura Dutra à presidência da República. Acerca de tal aspecto, com o retorno dos Mesquita, o jornal mudou rigorosamente de posição, assumindo, sem nuances, posições pró-UDN. Entretanto, no que concerne ao Integralismo, o seu discurso, na essência, não mudou: seja ao longo da maior parte do ano de 1945, quando o OESP estava sob a intervenção federal, seja em dezembro de 1945 e ao longo do ano de 1946, no regime democrático, quando ele reassumiu suas tradicionais posições liberais, o OESP posicionou-se contra o Integralismo, retomando discursos disponíveis na memória social de modo a corroborar sua perpetuação.

A primeira matéria no OESP, no ano de 1945, acerca do Integralismo, não passou da reprodução de declarações de Plínio Salgado (do exílio em Portugal) à agência de notícias *United Press* em 3 de abril. Nela, Salgado dizia que não seria candidato e que, se houvesse interferência dos integralistas nas eleições que iriam ocorrer no final do ano, seria “exclusivamente tendo em mira os supremos interesses de nossa querida pátria”⁴. Já a segunda matéria concernente ao Integralismo naquele ano vinha referendar a ideia já bastante difundida de que o golpe de 1938 havia sido integralista. A matéria, intitulada *Declarações do chefe da intentona Integralista de 1938*, foi veiculada no dia 22 de abril e centrava-se numa entrevista a Belmiro Valverde⁵, recém-anistiado e posto em liberdade. Nela, Belmiro Valverde disse ter sido fiel ao Integralismo até o dia anterior quando deixou a prisão, mas que agora se posicionava “totalmente contra as revoluções armadas e as doutrinas de violência”⁶. O referido texto afirmava que “o movimento de 11 de maio teve a anuência absoluta do sr. Plínio Salgado, que lhe deu (a Belmiro Valverde) ordem escrita para deflagrar a Revolução”. Tal afirmação foi anuída pela fala de Valverde, que disse que “essa ordem estava em

⁴ *O Estado de São Paulo*, 3.04.1945, p. 3.

⁵ Belmiro Valverde foi membro do Conselho Supremo da AIB e do Secretariado Nacional em que era Chefe do Departamento Nacional das Finanças. Coordenou politicamente, do lado integralista, o levante de maio de 1938. Após o fracasso do golpe, ele foi preso. No início de 1945, Valverde foi anistiado pelo governo Vargas.

⁶ *O Estado...*, citado, 22.4.1945, p. 3.

meu poder até o instante em que fui preso. No momento exato de minha prisão, rasguei-o para que não caísse em mãos da polícia”.⁷

Assim, a matéria do OESP retomava a ideia de que o Integralismo era uma “doutrina de violência”, de que o golpe de 11 de maio havia sido integralista (como expõe o seu título) e que contou com a participação de seu chefe, Plínio Salgado.

Já no dia 27 de abril, na seção *A situação política*, havia longa entrevista com Luís Carlos Prestes, em que ele foi indagado acerca dos integralistas, sobre os quais disse que “entre os integralistas havia homens honestos. Ainda ontem tive a oportunidade de abraçar um expedicionário, que foi integralista, mas que hoje reconhecendo o seu erro, é um democrata sincero, ele foi um dos que erraram [...]”⁸. Na visão difundida pelo OESP, era até possível ter alguém honesto entre os integralistas, todavia a condição de estar-se entre estes era óbvia: era preciso reconhecer que ter sido integralista havia sido um erro. Se, para ser um democrata sincero, era preciso reconhecer que errara sendo integralista, era porque o Integralismo não era democrático.

Diante de semelhantes narrativas, amplamente difundidas, e tendo a censura esmorecido, os integralistas redigiram um documento de defesa intitulado “Carta aberta à nação brasileira” e procuraram dar a ele o máximo de visibilidade. O documento foi assinado por vários integralistas e publicado em inúmeros jornais como matéria paga. No OESP, o documento foi publicado no dia 8 de maio de 1945, na página 15. No entanto, alguns dias depois, no dia 23 de maio, o OESP editou matéria intitulada *Recusada a publicação de um manifesto integralista*. Nela, o OESP informava que o matutino baiano *O Imparcial*⁹ havia revelado,

⁷ *Idem nota 238*.

⁸ O Estado..., *citado*, 27.4.1945. p. 3.

⁹ O jornal baiano, *O Imparcial*, editado em Salvador, fez parte, nos anos de 1930, da chamada imprensa integralista e era dirigido pelo líder integralista da Bahia, Victor Hugo Aranha. Mas, depois do golpe de 1938, Aranha foi substituído pelo seu proprietário, Álvaro Catharino. Este, em abril de 1941, vendeu-o ao coronel Franklin Lins Albuquerque, o qual entregou a direção aos seus filhos, Flanklin Junior e Wilson Lins. O jornal desempenhou importante ação na luta pela democracia, tornando-se fortemente anti-integralista. E ele chegou a ter vários colaboradores do PCB, como Jacob Gorender e Jorge Amado. Cf. FERREIRA, Laís, Mônica Reis. *Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937)*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

na edição do dia anterior, que “os integralistas baianos dispenderam nada menos que 16 mil cruzeiros com a transcrição, na imprensa local, da ‘Carta aberta à nação brasileira’, dos chefes do fascismo indígena”¹⁰, mas que *O Imparcial* recusara “a publicação como matéria paga do aludido documento”¹¹. Destarte, o OESP, que não recusara a matéria paga dos integralistas, difundia que, mesmo sendo paga, havia jornais que a recusavam, afinal, tratava-se de carta dos chefes do Fascismo indígena.

Em 9 de junho, o OESP divulgou que havia, na cidade de Caiene, em Pernambuco, considerável revolta do operariado contra integralistas. E isso teria se dado porque alguns “elementos indesejáveis”, liderados pelo integralista Melquíades Montenegro, quando da visita de Osvaldo Aranha àquela cidade, teriam retirado da sede do núcleo dos escoteiros da Usina Cateúde o retrato do presidente Getúlio Vargas, o que o OESP classificou de “estúpido e condenável desrespeito à autoridade do Chefe da Nação”¹². A notícia referia-se ao pedido de reforço policial por parte das autoridades locais a fim de conter-se a grande revolta do operariado contra “os autores do inominável atentado”¹³. Esses autores eram integralistas e o referido inominável atentado (embora essa expressão lembre-nos das que eram usadas para narrar o golpe de maio de 1938) era o ato de retirar o retrato de Vargas da sede do núcleo dos escoteiros...

Se, nas páginas do OESP do dia 9 de junho de 1945, lia-se que em Pernambuco ocorria revolta do operariado contra os integralistas em função daquela sua atitude inominável, no dia seguinte, 10 de junho, lia-se que no Ceará ocorria a Semana Anti-Integralista, a qual, segundo o jornal, prosseguia com êxito. A semana fora organizada pelos estudantes da Faculdade de Direito do Ceará, sob a orientação de seu centro acadêmico, o centro Clóvis Beviláqua¹⁴, e só poderia seguir com êxito, já que era anti-integralista.

Em São Paulo também havia atividades anti-integralistas e o OESP divulgava-as. Na capital paulista, em setembro, o Comitê Democrático dos Advoga-

¹⁰ O Estado..., *citado*, 23.5.1945, p. 4;

¹¹ FERREIRA, Laís, Mônica Reis. *Op. cit.*

¹² O Estado..., *citado*, 9.6.1945, p. 3

¹³ *Idem.*

¹⁴ O Estado..., *citado*, 10.6.1945, p. 3.

dos organizava a Assembleia Popular Anti-Integralista, para a qual era convidado, pelas páginas do OESP, todo o povo de São Paulo. Na Assembleia, seriam denunciados

os novos métodos de infiltração do integralismo, sua ligação com a quinta-coluna nazi-fascista, comprovada em investigações policiais, principalmente no Estado de Santa Catarina e os novos organismos, disfarçados em instituições cívicas, que fundaram com propósitos anti-democráticos¹⁵.

Ia se traçando, dessa maneira, nas páginas do OESP, a ideia de que, em boa parte do Brasil, compartilhava-se de sentimento anti-integralista — sentimento que se alimentava de representações do passado, nas quais os integralistas eram tidos como quinta-coluna, nazifascistas e golpistas.

Todavia o OESP, controlado pela ditadura como ainda estava, era, no que concerne às eleições presidenciais de 1945, pró-Dutra, e o Partido de Representação Popular (PRP)¹⁶ anunciou publicamente o apoio a essa candidatura. Semelhante apoio foi reproduzido nas páginas do OESP sem qualquer destaque. No dia 18 de novembro, ele trazia, na página 3, a chamada *O PRP adota a candidatura Gaspar Dutra*¹⁷ e a matéria, na íntegra, trazia o seguinte texto: “Pelo desembargador José A. Nogueira foi hoje relatado no TSE o pedido de registro do General Eurico Gaspar Dutra como candidato do Partido de Representação Popular à presidência da República. O Tribunal deferiu o pedido”¹⁸. A despeito de a matéria revelar certa frieza e indiferença quanto à posição do PRP naquelas eleições, para os integralistas, o apoio à Dutra, mesmo que de última hora, ao menos significou uma trégua do jornal quanto aos ataques que vinha fazendo.

No entanto, ainda antes do pleito, uma matéria no OESP retomava as típicas críticas aos integralistas, mas, ao que tudo indica, tratava-se de matéria paga da UDN, publicada dois dias antes das eleições. Nela se lia que

¹⁵ *Idem*, 27.9.1945, p. 3.

¹⁶ Mediante o risco de uma sigla integralista não ser aceita pelo TSE, a fundação do partido integralista deu-se cautelosamente e sem a explicitação de tratar-se de partido integralista. É nesse processo que se funda o PRP. A assembleia de sua fundação ocorreu em 26 de setembro de 1945, ocasião em que se aprovaram o estatuto e o programa partidário, além de ter sido eleito um Diretório Nacional Provisório.

¹⁷ O Estado..., *citado*, 18.11.1945, p. 3.

¹⁸ *Idem nota 249*.

O integralismo, aliando-se ao PSD, já havia decidido o pleito contra o General Gaspar Dutra, que não terá o voto dos trabalhadores brasileiros, visceralmente incompatíveis com o credo verde do sr. Plínio Salgado. [...] Sofrerão nas urnas a repulsa de todas as consciências sadias e vigilantes em frente única contra os estadonovistas, os integralistas e os aventureiros.¹⁹

O texto de propaganda da UDN retomava os elementos disponíveis na memória social que desqualificavam os integralistas para tentar tirar proveito nas urnas: os trabalhadores brasileiros não podiam votar em Dutra, aliado ao “credo verde” e as consciências sadias estariam coesas contra os “estadonovistas, integralistas e aventureiros”. Os udenistas apresentavam-se ali como detentores de projeto sério, já que contra o projeto de aventureiros e por marcarem o seu espaço político como liberais, portanto, contrários ao Estado Novo e ao Integralismo. Interessa-nos constatar, como, de todo modo, narrativas que depreciavam o Integralismo ganhavam o espaço público e, perto das eleições presidenciais, o OESP, jornal de grande circulação, difundia a ideia de que Dutra não poderia vencer, entre outras, por se aliar “ao credo verde do sr. Plínio Salgado”.

Decorridas as eleições, com o retorno, depois de cinco anos, do OESP à família Mesquita, o jornal adotou nítida posição udenista. Nesse novo período, ele voltou às suas posições liberais e cerrou fileira contra a presença do Integralismo, disponibilizando, no espaço público, narrativas em que o Integralismo era apresentado nos termos presentes na memória social. Vejamos então algumas matérias representativas da posição do OESP já no período democrático (1946).

Em 18 de julho de 1946, o OESP publicou matéria denominada *Interpretação especiosa do fascismo indígena feita na constituinte*. A matéria era, na verdade, uma crítica à tentativa do PRP de apresentar-se como democrático a partir da ação de seu único deputado federal na Constituinte, Gofredo Teles. Escreveu o jornal:

[...] Estava destinada a tarde ao jovem Querubim integralista, o sr. Gofredo Teles. Este moço, corado, que costuma girar pateticamente os olhos para o céu, toma assim por vezes uma postura mística, indício de que continua fiel às mistificações de seu chefe.

Com seus trejeitos místicos o sr. Gofredo quase ia passando o seu contrabando integralista sob a capa da democracia.

[...] O truque integralista é escamotear a sua ‘doutrina’ com a católica; para isso envolve o problema político numa linguagem nebulosa, aparentemente re-

¹⁹ O Estado..., citado, 1.12.1945, p. 13.

ligiosa, a fim de classificar os homens em duas classes, senão em dois partidos: é a velha doutrina verde de quem não era integralista era comunista. O deputado Gofredo toma na tribuna uns ares de fanático [...].²⁰

Num tom um tanto jocoso, o jornal apontava — e denunciava — que o PRP democrático não passava de uma farsa e que os integralistas tentavam dissimular. Mas cabia ao jornal liberal denunciar o truque integralista, que era escamotear a sua doutrina com a católica. E a doutrina expressa pelo deputado Teles não passava da velha doutrina verde, a qual era o Fascismo indígena, Fascismo patético e com militantes fanáticos, como o próprio deputado, que tomava “uns ares de fanático”.

Em todas as matérias do OESP, em que se retratavam as ações do PRP no pós-guerra, as acusações, críticas e chacotas estavam presentes, salvo quando se tratava de matéria paga pelos próprios integralistas. Nestas, os integralistas tentavam defender seu passado, como na *Carta aberta à nação*, ou simplesmente divulgar momentos importantes do partido. Nesse sentido, em 26 de outubro de 1946, pôde-se ler na página 3 do OESP, matéria intitulada *Partido de Representação Popular – aviso aos populistas do Estado*, na qual se avisava, em verdade, ao grande público de São Paulo que

Amanhã, domingo, encerra-se no Rio de Janeiro a Grande Convenção Nacional do PRP. Na solene sessão de encerramento, no Teatro Municipal, o delegado de São Paulo, SENHOR PLÍNIO SALGADO, falará a todo Brasil, pronunciando o seu primeiro grande discurso depois do exílio. Esse discurso, em suma importância, será irradiado pela cadeia de estações radiofônicas comandada pela rádio MAYRINK VEIGA. Em São Paulo: RADIO DIFUSORA. Recomenda-se que todos estejam atentos a partir das 21: 30 horas, a fim de participarem assim da grande Convenção Nacional²¹.

Porém, todas as vezes que os integralistas apareciam com maior evidência no espaço público, a reação da sociedade era significativa e, nas páginas do OESP, o espaço dado à crítica era infinitamente maior que o comprado pelos integralistas.

Foi assim que no dia 29 de outubro, dois dias após o encerramento da Convenção Nacional do PRP²², o OESP publicou ampla matéria que cobria quase toda a sua página 4. Na página 3, a chamada para a matéria anunciava-a do

²⁰ *Idem*, p. 18.7.1946, p. 3.

²¹ *Idem*, 26.10.1946, p. 3.

²² Ela ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e o seu encerramento deu-se com um discurso de Plínio Salgado, o qual foi difundido por várias rádios.

seguinte modo: *Vaias e distúrbios motivados por uma reunião de elementos do PRP*²³. O título da matéria, por sua vez, era: *A Convenção do PRP – vaias e correrias*²⁴. Tanto a chamada como o título revelam a tônica da narrativa do OESP quanto ao PRP: a Convenção Nacional era chamada de “reunião de elementos do PRP” e os protestos, que ganharam forma violenta, realizados por opositores do PRP, eram justificados na medida em que o motivo advinha da reunião daqueles elementos. No título, estava a representação do óbvio na leitura informada pela memória social: em reunião integralista, só poderia haver repúdio (vaias) e tumulto (correrias). A matéria, por fim, mencionava que, no encerramento da Convenção do PRP, falaram o deputado Gofredo Silva Teles, Raymundo Padilha e Plínio Salgado (ressaltado como antigo chefe do Integralismo), mas enfatizava mesmo era a agitação em torno do teatro, em que uma multidão exigia que os convencionais saíssem daquele local. Consoante o texto, as manifestações de desagrado tomaram vulto e o comércio da Cinelândia fechou as portas, temeroso das depredações. A polícia militar e forças especiais cercaram o teatro, mas mesmo assim duas pessoas saíram feridas.

O texto prosseguiu revisitando o golpe de 1938, a partir de posições de Otávio Mangabeira, o qual teria ouvido o discurso de Plínio Salgado que disse que Mangabeira havia participado do golpe de 1938. Como era sabido do envolvimento de liberais (agora aglutinados na UDN), na articulação daquele golpe, àquele jornal e a líderes da UDN, como Mangabeira, fazia-se necessário explicar ao público que eles, liberais, não compactuavam com os camisas-verdes. Logo, Mangabeira disse que “o movimento, tal como fora planejado, e não como fora executado pelos integralistas, visava à entrega do governo a uma junta militar da qual não faria parte elemento algum ligado ao sr. Plínio Salgado [...]”²⁵. A explicação liberal quanto ao golpe era a de que ele consistia em uma ação contra a ditadura, mas o planejado não foi o, por fim, executado pelos integralistas. No plano, estava definido que Plínio Salgado não teria espaço no novo governo. Os liberais respondiam ao discurso de Salgado na Convenção do PRP, discurso que colocava o Integralismo ao lado daqueles num amplo movimento pela democracia, esforçando-se para dele se distanciarem.

²³ O Estado..., *citado*, 29.10.1946, p. 3.

²⁴ *Idem*, p. 4.

²⁵ *Idem*.

O discurso de Salgado citou também os generais Castro Junior e Guedes da Fontoura. O OESP ouviu a ambos. O primeiro teria declarado ao jornal “[...] Era coisa assentada que em hipótese alguma entregaríamos o poder aos integralistas. Estes, porém, precipitaram, convencidos talvez de que eram donos da situação”²⁶. O distanciamento do General Castro Junior em relação aos integralistas também ocorria: em hipótese alguma, eles entregariam o poder aos integralistas. E a representação do golpe de 1938 mais uma vez era disponibilizada no espaço público como uma precipitação integralista. Já o general Guedes da Fontoura disse à reportagem que “Plínio Salgado quis atraí-lo para o integralismo e esclareceu: a minha resposta foi negativa. Não iria rebelar-me contra um totalitarismo para cair em outro. Considerava que o integralismo era idêntico ao estadonovismo”²⁷. O espaço dado ao General Guedes da Fontoura na matéria ratificava as posições assumidas pelo jornal liberal: o Integralismo era totalitário.

Desta feita, o OESP, ao dispor-se a falar da Convenção Nacional do PRP, voltou sua atenção para os distúrbios ocorridos do lado de fora do evento, mormente às vaias realizadas pelos manifestantes e à violência ocorrida. Nada que os convencionais discutiram e/ou decidiram em sua Convenção Nacional interessara ao OESP. A respeito dos integralistas, representavam-se as vaias e pedradas a eles dirigidas. Algo semelhante poderíamos dizer quanto ao discurso proferido por Salgado no evento: acerca dele, o jornal deu voz a Otávio Mangabeira, Castro Junior e Guedes da Fontoura, vozes que ecoaram em uníssono no distanciamento e crítica ao Integralismo. A impressão de qualquer integralista quanto ao discurso de Salgado não foi registrada nas páginas do OESP, porque as representações do Integralismo naquele jornal de ampla vulgarização referendavam e realimentavam as representações presentes na memória social.

A longa notícia do dia 29 de outubro instigou redatores do OESP a insistirem no tema Integralismo. No dia 30 de outubro, Rafael Corrêa de Oliveira publicou análise feita sobre o ressurgimento do Fascismo no Brasil, ou seja, naquela óptica, do ressurgimento do Integralismo. Para ele, não era surpresa que o Fascismo estivesse reaparecendo naquele momento, pois ele sugeriu que se preparava uma nova guerra e ela não era contra o Fascismo e sim contra o Co-

²⁶ *Idem.*

²⁷ *idem.*

munismo. Na oportunidade, ele dizia “[...] não admira agora que o General Dutra [...] estenda as bonanças ao sr. Plínio Salgado, que, além do mais, pode estar na posse de alguns segredos desaparecidos com os arquivos da embaixada alemã [...]”²⁸. Na avaliação que se divulgava nas páginas do OESP, o Integralismo, que era fascista, retornava à cena política com aval do autoritário governo Dutra em função da nova guerra, a contra os comunistas. E Oliveira, que assinou a matéria, não deixou de retomar alusão à antiga pecha de quinta-coluna, ao assinalar, sem nada explicar, a possibilidade de Salgado estar de posse de segredos alemães contidos em documentos desaparecidos da embaixada alemã.

No dia seguinte, o tema Integralismo estava em destaque no OESP. E a polêmica, publicada no jornal, advinha da denúncia feita na Câmara dos Deputados pelo parlamentar Raul de Almeida, de que o periódico vespertino *Resistência*, que tinha os seus jornais impressos nas oficinas de *O Vanguarda*, havia sido censurado por este, o qual se negou a imprimir edição contendo matéria crítica ao Integralismo. Segundo o OESP, o deputado havia dito que “a época do fascismo já havia passado, quer do fascismo com uniforme, quer sem uniforme”²⁹. O jornal *O Vanguarda* vinculava-se ao PRP e a crítica do deputado acusava-o de fascista, tanto ele, o PRP (Fascismo sem uniforme), quanto a AIB (Fascismo com uniforme). A matéria do OESP partiu desse ponto. Intitulada *Protesto na Câmara e no Senado contra censura exercida por certa imprensa sobre matéria antifascista*³⁰, ela assim se reportava à questão: “[...] Dizem muitos, e o deputado Gofredo Teles em particular, que o chamado PRP não é a antiga AIB com outro nome. Apenas do partido fazem parte antigos ‘camisas verdes’. Mas agora já é impossível negar que os nazistas verdes dominam aquele partido [...]”. Para o jornal liberal paulista, a prova de que o PRP era a AIB, com outro nome, estava no fato de que o próprio presidente formal do partido, o sr. Adauto Fernandes, demitira-se em protesto contra o que ele considerou o açambarcamento do PRP pelos agentes mais diretos de Plínio Salgado. E continuava argumentando que, se outra prova além daquela não houvesse para comprovar que o PRP era a mesma AIB, “haveria a mentalidade intolerante dos donos de ‘Vanguarda’, que seguem assim os processos dos antigos

²⁸ *Idem*, 30.10.1946, p. 3.

²⁹ *Idem*, 31.10.1946, p. 3.

³⁰ *Idem*.

agentes de Mussolini e Hitler”³¹. Desta feita, o OESP invocava a força da memória social ao apresentar os perrepiristas, donos de *O Vanguarda*, como quinta-coluna (agentes de Hitler e Mussolini), fascistas sem uniforme, nazistas verdes ou, no mínimo, como detentores da mesma mentalidade.

A matéria concluía, na mesma linha do artigo assinado por Oliveira no dia anterior, fazendo da crítica ao Integralismo uma crítica também ao governo Dutra e interpretando que o Integralismo ressurgia apoiado pelo governo que o tinha em conta na luta contra o comunismo: “[...] se o integralismo volta à ribalta [...], isso se deve a uma política deliberada do governo. Este parece acreditar que, alimentando o lobo verde, poderá amanhã ver-se livre do urso vermelho. Mas é nisso que se engana, e tragicamente”.³²

Consequentemente, supomos que o OESP, malgrado não tenha feito campanha sistemática contra o PRP, contribuiu em suas páginas com a difusão, em larga escala, de representações negativas quanto ao Integralismo, as quais se encontravam disponíveis na memória social e que eram, por meio também desse jornal, retomadas no pós-guerra. A memória social era permanentemente lembrada do que ela não deveria esquecer.

Além do OESP, outros veículos da grande imprensa também contribuíram para a atualização do veto ao Integralismo presente na memória social. Passemos a examinar a política da revista *O Cruzeiro* quanto a essa problemática.

A revista O Cruzeiro e o Integralismo: o golpe de 1938 revisitado

A revista *O Cruzeiro* foi lançada no dia 10 de dezembro de 1928 (a princípio denominada apenas *Cruzeiro*) pela rede *Diários Associados* do jornalista e empresário Assis Chateaubriand. Às vésperas de seu lançamento, no final da tarde de cinco de dezembro, na Avenida Rio Branco, “4 milhões de folhetos foram atirados do alto dos prédios sobre a cabeça dos passantes [...]. Os volantes anunciavam o breve aparecimento de uma revista ‘contemporânea dos

³¹ *Idem.*

³² *Idem.*

arranha-céus’, uma revista semanal colorida que ‘tudo sabe, tudo vê’³³. À espalhafatosa propaganda de lançamento, seguiu o esforço para fazer da revista a primeira de alcance nacional nos espaços urbanos: caminhões, barcos, trens e mesmo um bimotor foram usados na sua distribuição para que ela alcançasse simultaneamente, além de todas as capitais, ainda as cidades tidas como as mais importantes. Seu primeiro número anunciava a tiragem de 50 mil exemplares e saiu com 64 páginas, impressas em papel couchê e repleta de fotografias, cores e anúncios publicitários. No final do ano de 1930, a revista já trazendo o artigo O, que ressaltava o substantivo Cruzeiro, chegava à tiragem de 80 mil exemplares semanais conforme fontes da própria revista.

Na segunda metade dos anos de 1940, *O Cruzeiro* era a revista de maior circulação no País. Em sua redação, encontrava-se um jornalista que vinha tendo enorme destaque na imprensa brasileira, David Nasser. Entre novembro de 1946 e janeiro de 1947³⁴, Nasser publicou em seis edições da revista *O Cruzeiro*, como furo jornalístico, uma série de matérias intitulada *Eu acuso!*. Esta série abordava principalmente a descrição do golpe de 11 de maio de 1938 por um de seus mais ativos participantes: Severo Fournier³⁵, homem encarregado por Belmiro Valver-

³³ MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 187.

³⁴ Na primeira edição de 1947 a revista anunciava a tiragem de 250 mil exemplares. No entanto é provável que esse número esteja inflado pela própria direção da revista com o intuito de valorizar os seus espaços publicitários. Só no ano de 1961 foi criado o Instituto Verificador de Circulação (IVC), resultado das atividades do Primeiro Congresso Brasileiro de Propaganda, ocorrido em outubro de 1957 no Rio de Janeiro. O IVC passou a funcionar como entidade ligada à Associação Brasileira de Propaganda (ABP). Fonte: <http://www.ivcbrasil.org.br> (acessado em 21/10/2011).

³⁵ Severo Fournier nasceu em 17 de janeiro de 1908, em Curitiba, e era filho do coronel Mariano Fournier e de D. Emília Fournier. Como o pai, ele enveredou-se na carreira militar. Assentou praça em 1º de abril de 1926 e terminou o curso da Escola Militar no início de 1930, quando foi promovido a aspirante em 21 de janeiro de 1930, a 2º tenente em 24 de julho do mesmo ano e a 1º tenente em 13 de agosto de 1931. Serviu na cavalaria, na guarnição de Pirassununga, onde estabeleceu amplo contato com os militares paulistas. Já como tenente, foi ajudante-de-ordens do coronel Euclides Figueiredo quando da Revolução Constitucionalista de 1932 e, ainda nela, comandou uma ala da Primeira Divisão de Infantaria do Vale do Paraíba. Recusou a anistia do governo e não voltou às fileiras do Exército. Homem de confiança dos liberais paulistas, foi encarregado de comandar a principal ação do golpe de 11 de maio de 1938: o ataque ao Palácio da Guanabara, com o intuito de prender o ditador Getúlio Vargas. O plano de assalto ao palácio foi elaborado por Fournier, mas corrigido por Euclides Figueiredo que se encontrava preso (mesmo diante dos riscos, Severo Fournier fez com que o plano por ele traçado chegasse às mãos daquele coronel. Quando a polícia encontrou, depois, o tal plano no carro abandonado de Fournier, nele havia algumas observações feitas, de próprio punho, por Euclides Figueiredo). Fontes: *Nota de falecimento*. In: *O Estado de*

de de organizar e comandar militarmente o golpe no que concerne ao assalto ao Palácio da Guanabara.

Com o trágico desfecho do golpe, Severo Fournier refugiou-se na embaixada italiana, mas, depois de breve incidente diplomático, ele acabou se entregando às autoridades brasileiras. Permaneceu na prisão de 1938 até outubro de 1945. Morreu em agosto de 1946. Só depois de sua morte, Nasser publicou a série *Eu acuso!*, a qual se centrava na “longa transcrição das cartas que o próprio Fournier teria escrito na prisão, dirigidas ao pai. [...] *O Cruzeiro* publica fac-símiles de folhas manuscritas amassadas”³⁶.

É possível supor que a reportagem teve grande repercussão, porque instigou seu autor a publicá-la poucos meses depois como livro. Trata-se do livro *A revolução dos covardes — diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do ditador*, publicado em 1947 pela seção de livros da empresa gráfica *O Cruzeiro*. Foi a primeira parte do livro que deu a ele o título *A revolução dos covardes*. Isso porque, segundo o autor explicou no prefácio da obra³⁷, é a parte mais importante do livro. Nela, temos as supostas narrativas de Severo Fournier acerca do golpe de 1938 contra a ditadura Vargas, as quais Nasser apenas reuniu e procurou “dar certa unidade, simplesmente como um colaborador e não como autor, pois que a primeira parte desse livro é sua [de Severo Fournier] [...]”³⁸. As narrativas presentes nas reportagens de *O Cruzeiro* e, pouco depois, nas páginas de *A revolução dos covardes* retomam aspectos da memória social bastante compartilhados quanto aos integralistas e atualizam-nos.

Severo Fournier teria, então, relatado os episódios referentes ao golpe e ainda os que o precederam e sucederam-no, como o assalto ao Palácio da Guanabara (comandado militarmente por ele próprio), às residências de generais, ao Minis-

São Paulo, 29/8/1946, p. 8; SILVA, Hélio. *1938 – Terrorismo em campo verde*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. (Coleção Documentos de História Contemporânea); Processo nº 600 do TSN, Arquivo Nacional.

³⁶ CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras criadas: David Nasser e O Cruzeiro*. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2001, p. 180.

³⁷ NASSER, David. *A revolução dos covardes – diário secreto de Severo Fournier, reportagens políticas e ordens da censura do ditador*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Graf. O Cruzeiro, 1947.p. 11-12.

³⁸ *idem*, nota 268, p. 11.

tério da Marinha, à chefatura da polícia e outras atividades significativas daquela ação³⁹. Acerca da feitura do plano para a ação de 11 de maio, Fournier disse que aquele fora elaborado com esmero e que contou com “o maior fator com que possa contar um movimento revolucionário: — a surpresa [...] e essa foi de tal natureza que [...] chegamos aos nossos objetivos com a máxima calma, sem sermos importunados pelo mais leve sinal de trânsito ou de qualquer oposição!”⁴⁰. Fournier contava-nos que a surpresa deu-se apesar da movimentação de cerca de dois mil integralistas deslocando-se pela cidade. Mas, embora contassem com um plano bem elaborado, com a organização integralista, com centenas de seus militantes dispostos a tal aventura e com o elemento surpresa, a ação fracassou completamente, como Fournier expôs em seu diário:

Basta, para fazer-se uma idéia da enormidade do desastre, citar que, das setenta e muitas missões de que se compunha o plano, na maioria simples e sem o menor perigo, apenas puderam tomar certo caráter de execução as seguintes: assalto ao Guanabara, tomada do Ministério da Marinha, prisão de um coronel, e essas, assim mesmo, com ressalvas.⁴¹

Como entender os motivos que levaram ao fracasso? Essa era a pergunta que não só Fournier fazia-se, como se esforçava por responder a ela em seu diário.

Para Fournier, na concretização do plano, faltou toda sorte de dignidade e de coragem aos integralistas e que “o que não se podia fazer era introduzir vergonha, virilidade e caráter nesses homens. Isso estava fora de meu alcance”⁴². Para Fournier, a surpresa absoluta deveria ter servido de estímulo para a ação dos

³⁹ Não conseguimos comprovar a autoria das cartas publicadas pela revista *O Cruzeiro* na série *Eu acuso!* E, depois, no livro *A revolução dos covardes*. Embora David Nasser afirme ser Severo Fournier seu autor e ter informado que a própria mãe do ex-tenente falecido havia confirmado a letra do filho, tal autoria é bastante suspeita, já que é difícil imaginar como é que Fournier, foragido e depois preso, conseguiu detalhes de tantas operações referentes ao golpe em diversos lugares da cidade do Rio de Janeiro em que ele, evidentemente, não estava presente. Ao mesmo tempo, Nasser, como jornalista, não hesitava em romper os limites da ética em busca de prestígio e vendagem, o que parecia também não incomodar o proprietário da revista, Assis Chateaubriand (Cf. CARVALHO, Luiz Maklouf. *Op. cit.*. De qualquer modo, interessa-nos avaliar os usos da memória social e, nesse sentido, a importância da autoria é, de certa maneira, irrelevante. Assim, por opção, colocaremos os textos como escritos por Severo Fournier embora com o problema da autoria colocado.

⁴⁰ Fournier, *apud* NASSER, David. *Op. cit.*, p. 100-101.

⁴¹ *Idem nota 272*, p. 101.

⁴² *Idem*, p. 100.

integralistas, mas não foi o que se sucedeu. E ele novamente se perguntava a que se deveu tamanho desastre, no que ensaiou responder: “Medo? Falta de preparo? Falta de dignidade? Falta de honradez? Falta de caráter? Ou todos êsses fatores atuando ao mesmo tempo?”⁴³. Em suas indagações, a resposta já estava sugerida e ela procedia do mesmo motivo que o levava, ao referir-se aos homens integralistas, a usar apenas a adjetivação “integralistas”, dela retirando o substantivo homens. E a razão para tal relacionava-se à natureza daqueles homens, pois era público e notório⁴⁴ o fato de ser ela absolutamente reprovável. Se a natureza reprovável dos integralistas era pública e notória era porque ela estava disponível na memória social, e a partir desta era possível ver o perfil daqueles homens integralistas: homens sem caráter, sem honra, sem dignidade e sem coragem. Isso teria conduzido o golpe ao fracasso, pois que, com homens dessa natureza, não haveria outro resultado possível para aquela ação.

Suas cartas-diário prosseguiram descrevendo ações do dia 11 de maio de 1938, quando do golpe. Na maior parte dos relatos, insistiu nas características dos homens integralistas que, para ele, “não, não são homens, são monturos de indignidade, são monstros em excrescência pútrida”⁴⁵. Fournier dizia que a própria opinião de Belmiro Valverde, coordenador político da ação golpista, quanto aos integralistas, era que “o material humano nosso é infame, não há outro termo, porém é o que nós temos; na esfera superior dos nossos não escapa um só homem!”⁴⁶. No diário, quase tudo que concernia ao Integralismo era atacado. Seu chefe, Plínio Salgado, é “cabuletê”⁴⁷ e “pretenso ditador”⁴⁸; Loureiro Junior, genro de Salgado, era um oportunista que “casou-se com a filha do sr. Salgado quando ele entrou em moda”⁴⁹. E o segundo homem na hierarquia da AIB, Gustavo Barroso, ao tocar na questão do judaísmo internacional, aparecia como demagogo, racista e ignorante, como se lia no seu diário: “E o judaísmo interna-

⁴³ *Idem*, p. 104.

⁴⁴ *Idem*, p. 50.

⁴⁵ *Idem*, p. 109.

⁴⁶ *Idem*, p. 108.

⁴⁷ *Idem*, p. 90.

⁴⁸ *Idem*, p. 93.

⁴⁹ *Idem*, p. 107.

cional do Integralismo deixa de ser problema financeiro internacional para ser simplesmente de raça. E sôbre êsses problemas e, com a terminologia pomposa dos grandes demagogos, fala o mais ignorante dos camisas-verdes”⁵⁰.

Fournier elaborou uma espécie de taxonomia do Integralismo na qual uns são covardes, outros bisonhos, Salgado é cabuletê, Loureiro Junior é oportunista, Gustavo Barroso é ignorante, demagogo e racista, e todos são monturos de indignidade. E seguia classificando-os como quem sabe por que viu e descreve-os fazendo ver aos que nada viram o que ele, Severo Fournier, viu e, portanto, sabe. Assim, a descrição de Fournier era “também saber e fazer saber — ou ainda, fazer ver um saber”⁵¹.

E insistia na sua avaliação do integralismo, que, segundo ele, “como meio, era deteriorante”⁵², lamentando pela sorte do País que aplaudisse um “partido que, tendo tudo o mais nefasto, tenha como única coisa aproveitável ensinado seus filhos a cantar-lhe hinos evocatórios de glórias problemáticas”⁵³. Quanto aos instantes imediatamente anteriores à partida para o assalto ao Palácio da Guanabara, disse Fournier: “As cenas ali desenroladas, nestes minutos finais, foram dessas impressionantes [...]”⁵⁴. As cenas impressionavam-no porque aqueles homens eram também bisonhos: “[...] não titubiei em, às 23: 30 horas (o movimento deveria iniciar-se à 1 hora da madrugada), dar ordens para que metessem nesses bisonhos patriotas os uniformes de fuzileiros navais [...]”⁵⁵. Contudo mais ainda porque tudo era demasiadamente ridículo: “[...] metidos em fardas que, em uns, sobravam-lhes as mangas do casaco; em outros, as calças ficavam-lhes nas canelas [...]”⁵⁶. Somava-se ao patético da situação, o medo excessivo daqueles homens na hora de partir para a ação, expresso em “choros lamentosos e gestos

⁵⁰ *Idem*.

⁵¹ HARTOG, François. *O espelho de Heródoto* ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte Ed. da UFMG, 1999, p. 270.

⁵² *Idem* nota 272.

⁵³ *Idem*.

⁵⁴ *Idem*, p. 123.

⁵⁵ *Idem*, p. 123.

⁵⁶ *Idem*, p. 124.

de desespero, para não seguirem”⁵⁷. A ênfase na covardia dos integralistas era ressaltada ainda no relato acerca dos instantes imediatamente anteriores à partida: “ante o precedente aberto para os anciões, todos eram velhos; todos aleijados; todos, doentes [...]”⁵⁸.

Por fim, podemos encerrar a descrição de Fournier acerca dos integralistas com as palavras que ele próprio usou para concluir o tópico intitulado “Escolha do Dia”, em que disse que “os leitores já devem estar enojados de tanta porcaria e não precisam mais do que se argüir dêesses fatos, para mostrar onde está a causa do desastre de 11 de maio”⁵⁹.

Supomos que a narrativa de Severo Fournier, ao permitir que os outros vissem o golpe de 1938 através de seu olhar, tinha forte apelo veritativo. Tal narrativa era publicada como o relato de quem conhecia os fatos que se desenvolveram na ocasião e conhecia-os porque os vira e, assim, ele fazia saber aos que nada viram por si próprios o que ele, narrador, sabia. Tal apelo veritativo procedia igualmente do fato de que havia uma memória social capaz de articular um conjunto de pressupostos e representações sobre o Integralismo em que os integralistas eram vistos como covardes, risíveis, patéticos, fascistas e golpistas. Assim, para além do apelo veritativo de toda testemunha, Fournier expunha adjetivações já presentes na memória social e, portanto, facilmente reconhecíveis, tornando o seu depoimento ainda mais crível.

Deste modo, para o esforço de veto à reorganização do Integralismo no pós-guerra, a publicação do *Diário secreto de Severo Fournier* na revista *O Cruzeiro* foi de importância considerável: no *Diário* de Fournier, o Integralismo foi atacado como um todo, atingindo seus principais quadros em sua honra, afetando a reputação do movimento. Repetia-se o que a grande imprensa fez em diversas ocasiões, entre essas, quando dos primeiros dias após o golpe de 11 de maio de 1938 e em outros momentos da ditadura estadonovista, como nos meses seguintes à entrada do Brasil na guerra contra as forças nazifascistas. No entanto, naqueles momentos, a imprensa brasileira estava diante de forte censura exercida pelos órgãos de repressão do Estado Novo. E aos integralistas, no que concerne

⁵⁷ *Idem.*

⁵⁸ *Idem.*

⁵⁹ *Idem.*, p. 109.

à cena pública, não restava naquela época alternativa a não ser a de permanecer em silêncio. Os discursos ecoavam em uníssono, apontando que os integralistas eram fascistas, patéticos, covardes etc., forjando memória social que estabelecia/reforçava o repúdio e a desconfiança em relação aos integralistas. Assim, supomos que tal memória social, recomposta agora também nas narrativas publicadas pelo jornalista David Nasser nas páginas de *O Cruzeiro*, em tudo contribuía para privar os integralistas de capital político, comprometendo o desempenho do movimento dos ex-camisas verdes no período democrático.

Considerações finais

Na segunda metade dos anos de 1940, nas páginas do jornal *O Estado de São Paulo* e da revista *O Cruzeiro*, narrativas vieram a público expor de maneira negativa o passado integralista. Tal exposição, capaz de articular um conjunto de pressupostos e representações sobre o Integralismo, corroborou a perpetuação de memória social em que o Integralismo era visto como covarde, risível, patético, fascista e quinta-coluna. Assim, para além do apelo veritativo que estava entrevistado nas páginas das referidas mídias, aquelas narrativas expunham adjetivações já presentes na memória social e, portanto, facilmente reconhecíveis.

Por conseguinte, para o esforço de veto à reorganização do Integralismo no pós-guerra, a ação do *OESP* e da revista *O Cruzeiro* foi de importância considerável. Isto porque se tratava de mídias de grande circulação na época, capazes de atingir vasto público e, também, porque se tratava de atingir movimento político e o capital político é bastante vulnerável, pois que é “[...] puro valor fiduciário que depende da representação, da opinião, da crença, da fides, o homem político, como homem de honra, é especialmente vulnerável às suspeitas, às calúnias, ao escândalo, em resumo, a tudo o que ameaça a crença, a confiança [...]”⁶⁰. A relação de movimentos políticos e de seus quadros com o jornalista é de grande comprometimento, tendo em vista que o jornalista é “detentor de um poder sobre os instrumentos de grande difusão que lhe dá um poder sobre toda a espécie de capital simbólico (o poder de fazer ou desfazer reputações)”⁶¹.

⁶⁰ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 188-189.

⁶¹ *Idem nota 272*, p. 189.

Os discursos ganhavam o espaço público atualizando memória social que estabelecia/reforçava a desconfiança em relação aos integralistas. E se é verdade que “o homem político retira a sua força política da confiança que um grupo põe nele”⁶², então podemos supor que tal memória social, recomposta agora na grande mídia, em tudo contribuía para privar os integralistas de crédito perante o público, capital fundamental para a ação política.

Mas, apesar do veto exposto no espaço público, os integralistas conseguiram se reordenar enquanto partido político no pós-guerra, formando o PRP. De todo modo, podemos supor que os discursos disponibilizados para o grande público usando de vasto vocabulário acusatório contra os integralistas foram importante força política para restringir significativamente as possibilidades de poder do PRP.

⁶² *Idem*, p. 188.

